
Coletivo Sargento Perifa: Inovação periférica, comunicação e antirracismo na construção de narrativas identitárias no Grande Recife¹

Carla Patrícia Pacheco TEIXEIRA²

Luiz Carlos da Costa PINTO³

Letícia Gabriela da Silva LIMA⁴

Maria da Conceição Tomaz do NASCIMENTO⁵

Universidade Católica de Pernambuco, Recife, PE

Resumo

De 2019 a 2022, a pesquisa *Mapeamento de Inovação em metodologias, práticas de aprendizagem e narrativas em grupos periféricos* permitiu a aproximação com grupos e coletivos populares da Região Metropolitana do Recife, Pernambuco, que usam das tecnologias de informação e comunicação para atuar em seus territórios. O artigo aqui apresentado é um recorte da pesquisa realizada no âmbito do curso de Jornalismo da Universidade Católica de Pernambuco. O objetivo é analisar de forma interseccional as pautas e produtos desenvolvidos especialmente pelo Coletivo Sargento Perifa, resultado da união dos moradores da comunidade Córrego do Sargento, situado no bairro da Linha do Tiro, Zona Norte do Recife – PE. A metodologia incluiu análise documental, revisão bibliográfica, netnografia, cartografia e análise de artefatos digitais. A base teórica traz Abdias Nascimento, na perspectiva do quilombismo, Lélia Gonzalez, na abordagem interseccional, Grada Kilomba sobre racismo e identidade, entre outros. Sobre os resultados, a percepção de um trabalho de comunicação pautado por uma educação antirracista, a participação da juventude e uma articulação que está construindo outras narrativas midiáticas.

Palavras-chave

Comunicação; inovação periférica; interseccionalidade; quilombismo.

Introdução

O acesso e o uso das tecnologias de informação e comunicação em rede cresceram exponencialmente nas últimas décadas. Estima-se que aproximadamente 152

¹ Trabalho apresentado no GP Comunicação Antirracista e Pensamento Afrodiaspórico, evento do 46º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação realizado de 4 a 8 de setembro de 2023.

² Coordenadora da Pós-Graduação Stricto Sensu, professora do Mestrado em Indústrias Criativas e do Curso de Jornalismo da Escola de Comunicação - Unicap, e-mail: carla.teixeira@unicap.br

³ Coordenador do Mestrado em Indústrias Criativas e professor do Curso de Jornalismo da Escola de Comunicação - Unicap, e-mail: lula.pinto@unicap.br

⁴ Graduada em Jornalismo pela Escola de Comunicação - Unicap, e-mail: le.gab@hotmail.com.

⁵ Estudante de Graduação 6º. semestre do Curso de Jornalismo da Escola de Comunicação - Unicap, e-mail: maria.2020201991@unicap.br

milhões de brasileiros eram usuários da rede em 2020, o que representa 81% da população com dez anos ou mais. Nos últimos anos vemos um fenômeno de apropriação das tecnologias que reverberam em várias frentes, incluindo aí as comunidades de contextos populares, grupos periféricos e minorias políticas. A comunicação e a inovação têm sido eixos do que está acontecendo pois, por meio delas, grupos e organizações se mobilizam e envolvem as suas populações, trazendo à pauta temáticas que fazem parte de sua realidade, contribuindo no fortalecimento de sua identidade cultural. Além disso, criam narrativas fora da mídia tradicional, ao mesmo tempo em que reconhecem padrões hegemônicos e lutam para combatê-los.

Mesmo assim, é preciso observar as diferenças de acesso das comunidades de contextos periféricos. Dados da pesquisa sobre o uso das Tecnologias de Informação e Comunicação nos Domicílios brasileiros (TIC Domicílios), do Centro Regional de Estudos para o Desenvolvimento da Sociedade da Informação (Cetic.br), divulgada em 2021 (AGÊNCIA BRASIL, 2021) indicam que a proporção de domicílios brasileiros com acesso à internet cresceu entre 2019 e 2021. Na média, o percentual de residências aptas a acessar a rede mundial de computadores subiu de 71% para 82% no período de dois anos. Apesar disso, o país ainda contabiliza 35,5 milhões de pessoas sem acesso à internet e o número de domicílios das classes B, C e D/E com computadores caiu no mesmo período.

As desigualdades sociais também se manifestam no ambiente digital. Mulheres negras acessaram a Internet exclusivamente pelo telefone celular (67%) em maiores proporções que homens brancos (42%). Por outro lado, elas realizaram transações financeiras (37%), serviços públicos (31%) e cursos (18%) pela Internet em proporções bastante inferiores às de homens brancos (51%, 49% e 30%, respectivamente). Isso evidencia as múltiplas camadas da desigualdade e seus efeitos combinados sobre aproveitamento das oportunidades digitais por diferentes parcelas da população (CETIC, 2021)

De 2019 a 2022, a pesquisa *Mapeamento de Inovação em metodologias, práticas de aprendizagem e narrativas em grupos periféricos* permitiu a aproximação com grupos e coletivos populares que usam das tecnologias de informação e comunicação para atuar em seus territórios. O projeto de pesquisa considerou a existência de coletivos e clusters de inovação periféricos que operam uma margem

diversificada de apropriação, aprendizagem e de re-invenção dos objetos técnicos, produzindo narrativas diversas. O artigo aqui apresentado é um recorte da pesquisa realizada no âmbito do curso de Jornalismo da Universidade Católica de Pernambuco. Tem como objetivo, a partir da seleção das entrevistas realizadas, analisar de forma interseccional as pautas e produtos desenvolvidos especialmente pelo Coletivo Sargento Perifa. O coletivo foi criado no dia 28 de maio de 2020 através da união dos moradores da comunidade Córrego do Sargento, situado no bairro da Linha do Tiro, Zona Norte do Recife – PE.

Metodologia

A pesquisa tem viés qualitativo e quantitativo, pois adotou técnicas de coleta que aliam dados à interpretação, buscando a compreensão do objeto alvo deste estudo. As seguintes técnicas de pesquisa (MARCONI; LAKATOS, 2010) integraram o desenvolvimento deste projeto: análise documental, revisão bibliográfica, netnografia, cartografia e análise de artefatos digitais. No que diz respeito à cartografia, ela se difere da tradicional, com seus mapas de territórios, relevo e população, para um método adotado nas ciências da comunicação na produção de diagramas de relações, enfrentamentos e cruzamentos entre forças e práticas de resistência e liberdade. A cartografia e a análise dos artefatos digitais permitiu observar as narrativas na construção das subjetividades e o potencial de aprendizagem e inovação contido nelas, além do contexto sociopolítico brasileiro - racismo, violências de gênero e desigualdades.

Em 2022, a última etapa da pesquisa envolveu o levantamento de informações junto aos 21 grupos e coletivos pesquisados que ainda permaneciam ativos nas redes sociais. Foi desenvolvido um questionário no Google Formulários, com 13 perguntas. As questões tiveram cinco categorias de análise: território; aquilombamento; interseccionalidade; metodologias de aprendizagem; articulação e lideranças. Os objetivos que nortearam as perguntas foram: analisar o vínculo dos projetos de inovação tecnológica da RMR aos seus territórios, por meio do registro de pautas identitárias presentes nos projetos das comunidades estudadas; identificar as características interseccionais e de aquilombamento em grupos periféricos que desenvolvem projetos de comunicação, inovação e tecnologia; registrar as metodologias abertas de

aprendizagem desenvolvidas nesses projetos de inovação, comunicação e tecnologia e identificar as características de articulação em rede e lideranças de coletivos e grupos periféricos que desenvolvem projetos de comunicação, inovação e tecnologia.

Em abril de 2022 foram realizados contatos por telefone com os representantes dos 21 grupos e coletivos. Após o contato, foi enviado o link do formulário com as 13 questões e um texto breve contextualizando a pesquisa e os objetivos pretendidos com o questionário. O envio aconteceu por meio das redes sociais e e-mail. Apesar disso e do contato inicial, o questionário não recebeu as respostas previstas no prazo estipulado.

Nesse sentido, a pesquisa sofreu um redirecionamento para que as entrevistas fossem realizadas *in loco*. Dos 21 grupos, quatro deles puderam nos receber e apenas no início do mês de julho de 2022. Um dos principais motivos foram as fortes chuvas do mês de maio, que atingiram e provocaram desabamentos de casas e deslizamentos de barreiras na Região Metropolitana do Recife. As entrevistas foram realizadas na primeira quinzena de julho, com os representantes dos coletivos Livroteca Brincante do Pina, Sargento Perifa, Fruto de Favela e Espaço Mulher do Passarinho. Para este artigo, iremos apresentar os resultados obtidos junto ao Coletivo Sargento Perifa.

O Coletivo Sargento Perifa: combate ao estereótipo da periferia

O Coletivo Sargento Perifa nasceu no Córrego do Sargento, localizado no bairro de Linha do Tiro, Zona Norte de Recife. De acordo com dados da Prefeitura da Cidade do Recife (PREFEITURA DO RECIFE, 2023), baseados no censo de 2010 do IBGE, o bairro tem 14.867 habitantes, em sua maioria mulheres (52,88%). Elas também estão à frente na responsabilidade por seus lares (50,04%). O rendimento nominal médio mensal dos domicílios é de R\$ 1.028,96. A faixa etária predominante (48,39%) vai dos 25 aos 59 anos, assim como a indicação da cor parda na população (58,88%). A taxa de alfabetização da população de 10 anos e mais é de 91,3%⁶.

No Mapa da Mídia Independente de Pernambuco, publicado pela Marco Zero Conteúdo⁷, está indicado que o coletivo Sargento Perifa é

⁶ Dada pelo percentual das pessoas de 10 anos ou mais de idade capazes de ler ou escrever pelo menos um bilhete simples.

⁷ A Marco Zero Conteúdo é uma organização da sociedade civil, sem fins lucrativos, que tem por objetivo qualificar o debate público promovendo o jornalismo investigativo e independente. (MARCO ZERO, 2023)

Um veículo de mídia independente criado por dois estudantes de jornalismo incomodados com o estereótipo negativo da comunidade do Córrego do Sargento, que era apresentado nos jornais policiais apenas por questões de violência, tragédias ambientais, dentre outros problemas. (MAPA DA MÍDIA PE, 2023)

Os jornalistas Gilberto Luiz e Marthiene Oliveira eram os estudantes que, em 2020, idealizaram uma plataforma que pudesse mostrar o que acontece na comunidade do Córrego do Sargento e dar a devida visibilidade aos moradores. A proposta incluía desfazer o estereótipo negativo do lugar, associado à violência e tragédias ambientais, entre outros problemas, veiculado pelas mídias tradicionais. O Coletivo foi criado no dia 28 de agosto, em plena pandemia, com objetivo de mostrar os pontos positivos da comunidade. As equipes do Sargento Atitude, Correndo na Linha, Sargento Futebol Clube e o Sargento em Folia se uniram a outros moradores e, neste caminho, outros projetos como Muda Sargento, Alfabetiza Sargento e Sargento em Movimento foram tirados do papel.

A equipe, – na sua maioria, jovem – é formada por pessoas que lutam por quebrar barreiras sociais, se esforçando por elaborarem projetos democráticos que representem a comunidade de uma maneira plural. Entre o grupo, estão inseridos jornalistas, pedagogos, professores de educação física, designers de interiores, administradores, enfermeiros e líderes políticos, todos unidos em um só propósito: a melhoria da comunidade através de uma comunicação horizontal, onde ninguém ganha mais que ninguém e tudo o que se conquista é para o interesse de todos. (COLETIVO SARGENTO PERIFA, 2023)

Em entrevista realizada com os jornalistas Gilberto Luiz e Marthiene Oliveira (2022), eles indicaram que o coletivo reúne uma série de grupos da comunidade, cada um trabalhando em uma área específica, como nutrição, saúde e cultura. “O Perifa funcionou como um catalisador desses grupos. Muitos deles já existiam, o Perifa apenas juntou todos eles.” (OLIVEIRA, 2022). Esta articulação se aproxima do conceito de quilombismo, de Abdias do Nascimento. E segue, ainda, perspectiva antirracista e interseccional, pelo olhar que envolve raça, gênero e classe social no trabalho junto aos moradores e moradoras.

Ainda pelas informações de Martihene Oliveira (2022), em 28 de maio de 2020, durante a fase mais rigorosa do *lockdown*, surgiu a ideia do Coletivo, inicialmente como um trabalho para a disciplina de Jornalismo Comunitário, na faculdade onde Martihene cursava jornalismo. A percepção da gravidade da pandemia e que os moradores

continuavam a sair para trabalhar provocou o surgimento do Perifa. A articulação de Gilberto e Martihene incluiu reuniões com as lideranças da comunidade para explicar o que era o coletivo e como ele iria atuar. Outros estudantes de jornalismo se envolveram no trabalho, com a responsabilidade de entrar em contato com os coordenadores dos vários projetos existentes no Córrego do Sargento.

“Realizamos um censo para divulgar o coletivo para a comunidade. Para isso, pensamos em uma estratégia que permitisse nossa identificação como Perifa - criamos camisas para isso - e, ao mesmo tempo, estimulasse a aproximação” (OLIVEIRA, 2022). Surgiu então a ideia de produzir máscaras e distribuí-las durante o censo. Costureiras da comunidade fizeram em torno de 500 máscaras com retalhos de tecido e a Central Única de Favelas - CUFA também doou álcool gel. O material era levado para as famílias. “Um dos maiores impactos que eu tive foi ver que as pessoas não se autodeclaravam pardas ou pretas. Diziam que eram morenas. Nesse contato falávamos que moreno não é raça, é apenas o contrário de loiro”. (OLIVEIRA, 2022). Hoje, o Perifa já está no terceiro censo. “Quando a gente volta para a mesma pessoa, ela diz com o maior orgulho ‘eu sou preta’”. (OLIVEIRA, 2022).

Fizemos uma ação na Páscoa com 200 crianças. Iríamos distribuir chocolates, mas decidimos também fazer uma atividade. Para isso, criamos uma encenação com uma família de fantoches que são todos pretos, que usamos justamente para tratar dessas temáticas. Foi emocionante ver as crianças começando a cantar, como um grito de guerra: “Moreno não é raça! Moreno não é raça!”. (OLIVEIRA, 2022)

Há uma aproximação dessa realizada com a perspectiva teórica da artista interdisciplinar, escritora e teórica Grada Kilomba, em *Memórias da Plantação: episódios de racismo cotidiano* (2019). A autora explica que *Black*, em inglês, é geralmente escrito com o B maiúsculo para destacar que não se trata de uma cor, mas sim de uma identidade política. A letra maiúscula, de acordo com a autora, também tem uma segunda função, “a de revelar que este não é um caminho atribuído por outros em poder, mas um termo de autodefinição, com uma história de resistência de luta pela igualdade, afastando-se assim duplamente da nomenclatura colonial” (Kilomba, 2019, p. 16-17).

Atualmente são 16 projetos no Coletivo Sargento Perifa. Há um planejamento de ações articulado pelas lideranças de cada grupo que, após definirem a programação de

atividades do semestre, informam aos dois jornalistas o que foi definido. Neste momento, é pensado a viabilização das ações, o calendário, a mídia. Geralmente os projetos fazem no mínimo três ações no semestre, sempre aos fins de semana. É elaborada uma escala para que haja coordenadores acompanhando as atividades e garantindo a produção do material necessário para as ações (cartazes, panfletos, cards para as redes sociais). Além disso, os coordenadores fazem a cobertura dos eventos, com vídeos, fotos e reels para as redes sociais e o site. A metodologia utilizada é participativa e horizontal, o que evita a concentração de todas as decisões e trabalho junto aos dois coordenadores do Coletivo.

O percurso teórico e os sargentinos nas redes

Entender o Brasil é inter-relacionar questões, informações, dados de gênero, etnia e também de classe social. No que diz respeito à apropriação de tecnologias por mulheres negras brasileiras, Santos (2018) afirma que

[...] deste contexto onde se observam marcadas distâncias sócio-econômicas e educacionais, as mulheres negras têm recorrido a esta ferramenta, internet, para expandir seus discursos e criar redes sociais, de maneira que se tem incluído em um contexto também adverso, e não obstante necessário. As mulheres negras vivem em um mundo real em que seus discursos são refutados pelos grandes meios de comunicação, e paralelamente em um mundo digital em que, ao mesmo tempo que se reproduzem valores de exclusão e estereótipos, se facilita às mulheres negras um alcance discursivo incalculável (Santos, 2018, p. 125).

Gonzalez (1982) permite observar os contextos em que as iniciativas de inovação acontecem, por um viés interseccional, que considera gênero, raça e classe social como matrizes de opressão que se sobrepõem e intercalam. Neste sentido, observamos a necessidade de decolonizar o pensamento cis, heterossexual e branco, bem como interseccionalizar vivências respeitando lugares, linguagens, cultura e corpos, de modo a familiarizar a sociedade com as minorias políticas - mulheres, negros, moradores de periferias - como indivíduos que constroem narrativas e histórias próprias, em um sistema em rede de apoio e de comunicação digital.

Sobre a interseccionalidade, a pesquisadora Akotirene defende (2019):

Em vez de somar identidades, analisa-se quais condições estruturais atravessam corpos, quais posicionamentos reorientam significados subjetivos desses corpos, por serem experiências modeladas por e

durante a interação das estruturas colonialistas, estabilizadas pela matriz de opressão, sob a forma de identidade. Por sua vez, a identidade não pode se abster de nenhuma das suas marcações, mesmo que nem todas, contextualmente, estejam explicitadas. (AKOTIRENE, 2019, p. 43-44).

As comunidades periféricas se articulam, ainda, na perspectiva do quilombismo, conceito apresentado por Abdias do Nascimento (2002). O autor observa os quilombos como formas associativas que se estruturavam para facilitar a defesa e organização econômica-social própria e que, ao longo da história, foram assumindo modelos de organização permitidos e que exerciam e ainda exercem um papel relevante para a comunidade negra.

O trabalho da autora tem como um de seus recortes a interseccionalidade. Portanto, sua abordagem pressupõe o olhar sobre raça, gênero e classe social, envolvendo especificamente o feminismo negro. Para Joice Berth

Quando assumimos que estamos dando poder, em verdade estamos falando na condução articulada de indivíduos e grupos por diversos estágios de autoafirmação, autovalorização, autoreconhecimento e autoconhecimento de si mesmo e de suas mais variadas habilidades humanas, de sua história, e principalmente de um entendimento quanto a sua posição social e política e, por sua vez, um estado psicológico perceptivo do que passa ao seu redor. Seria estimular, em algum nível, a autoaceitação de características culturais e estéticas herdadas pela ancestralidade que lhe é inerente para que possa, devidamente munido de informações e novas percepções críticas sobre si mesmo e sobre o mundo em volta e, ainda, de suas habilidades e características próprias, criar ou descobrir em si mesmo ferramentas ou poderes de atuação no meio em que vive e em prol da coletividade, (Berth, 2019, p. 21).

Joice Berth explica ser esta “a síntese do poder a ser desenvolvido no processo de empoderamento ressignificado pelas diversas teorias do feminismo negro e interseccional” (BERTH, 2019. p. 21). A autora estabelece a singularidade dessa percepção, que é diversa da proposta por muitos teóricos em relação ao empoderamento. Também destaca que “Compreender o legado de teóricas e pensadoras negras e seu entendimento e assimilação do conceito é, hoje em dia, essencial para aprofundarmos ainda mais essa noção” (Idem, p. 92). Fala sobre a importância de Lélia Gonzalez, intelectual e feminista negra, assim como da socióloga Patrícia Hill Collins, e das pensadoras Juliana Borges e bell hooks, entre outras, para estabelecer o quanto o legado

de luta dessas mulheres trazem “estratégias de enfrentamento ao sistema racista e redes de solidariedade política” (Ibidem, p. 92).

Temos, em Joice Berth, que o conceito de empoderamento é um instrumento de emancipação política e social. É possível observar isso na iniciativa do Coletivo Sargento Perifa. A partir de sua identidade e do seu território, vão construindo os estágios apontados acima pela pesquisadora. O Coletivo constrói uma nova narrativa, que afasta os estereótipos de violência e medo, assim como das tragédias ambientais, para apresentar uma comunidade pulsante, viva, que gera pertencimento e cria identificação entre os moradores. O que se observa quando os moradores criam um gentílico e se autodenominam “sargentinos”. Isto pode ser observado na página inicial do site do Coletivo Sargento Perifa (Figura 01).

Figura 1: Home do site do Coletivo Sargento Perifa



Fonte: Print dos autores

O Coletivo Sargento Perifa atua com comunicação em plataformas online, mas também de forma presencial, em reuniões, palestras, articulações e debates. As ferramentas de distribuição de informação sobre a comunidade são o Facebook, Instagram, o site, podcast, canal no YouTube e Whatsapp (Figura 2). Os temas em debate envolvem cidadania, comunicação e tecnologia, juventude, política, saúde, economia e negócios, educação, mobilidade urbana, direitos humanos, gênero, notícias locais, segurança, questões indígena e racial. A atualização das notícias é diária.

Figura 2 - Notícias no site do Sargento Perifa



Fonte: Print dos autores

Face à mudança no comportamento do público e, em alguns casos, o escasso acesso às mídias tradicionais, os sites de redes sociais se tornam uma importante ferramenta para os coletivos de mídia independente. Neste sentido, a cultura da conexão contribui para gerar visibilidade à realidade do Córrego do Sargento e de seus moradores, gerando engajamento. Jenkins, Ford e Green (2014) observam a cultura da conexão gerada pelas mudanças nas mídias e plataformas digitais, levantando a questão de uma participação efetivamente significativa. Explicam que

se entendermos cultura participativa como um passo vital em direção à percepção de uma luta secular por comunidades de movimentos populares para obter maior controle sobre os meios de produção e circulação cultural, ou seja, se entendermos a participação como o trabalho de públicos e não simplesmente de mercados e audiências, então as oportunidades para expansão da participação são lutas que devemos incluir ativamente através do nosso trabalho, seja por meio de esforços para reduzir os obstáculos técnicos e econômicos, seja para expandir o acesso ao aprendizado de como utilizar as mídias. (Jenkins; Ford; Green, 2014, p. 240).

Mesmo assim, não há, nos dias atuais, igualdade de participação. Isto acontece pela própria desigualdade de condições entre os atores sociais. Para que a cultura participativa se desenvolva de forma menos injusta, é preciso considerar a forma como se participa em rede, o que se pretende com isso e de que forma acontece ou pode ser estimulado o aprendizado. Os autores apontam que, mesmo assim, existe um ambiente de mídia propício para propagação de conteúdos e o compartilhamento. E os sargentinos sabem disso.

Resultados

É possível perceber o potencial do Coletivo Sargento Perifa na construção de outras narrativas sobre o seu território, evitando a linha de uma comunicação que vincula a periferia a um lugar de pobreza e violência. Há uma identidade sendo construída, criando uma rede de trabalho e convívio que favorece o pertencimento. As metodologias adotadas, nas quais se valoriza o conhecimento e a experiência dos moradores, mostra que a inovação se dá também na forma como são construídas as estratégias de vida e os afetos. Ela está, sim, sendo produzida intensamente nos territórios periféricos.

Os coletivos analisados durante a pesquisa *Mapeamento de Inovação em metodologias, práticas de aprendizagem e narrativas em grupos periféricos*, realizada no âmbito do curso de Jornalismo da Unicap entre 2019 e 2022, cujo recorte apresentamos com a análise do Sargento Perifa, permitiu observar que eles espelham uma realidade baseada, principalmente, na busca de soluções face aos problemas identificados em seus territórios, entre eles a ausência de políticas públicas nas comunidades.

O Sargento Perifa reúne atualmente 16 grupos na comunidade, atuando em áreas como nutrição, esportes, saúde e cultura. Questões de gênero, raça e classe social permeiam as atividades. Com relação à comunicação, o coletivo faz uso das redes sociais como estratégia, seja noticiando as necessidades da comunidade, contando a história de vida de algum morador ou trazendo informações que auxiliam na educação da população. Possuem um trabalho específico com mulheres, mães solo, na luta antirracista, entre outros. Se articulam com outros coletivos para trocas, saberes e ações conjuntas. O Sargento Perifa traz o morador periférico como protagonista em sua comunidade.

REFERÊNCIAS

AGÊNCIA BRASIL. **Em 2021, 82% dos domicílios brasileiros tinham acesso à internet.** Disponível em: <https://agenciabrasil.etc.com.br/geral/noticia/2022-06/em-2021-82-dos-domicilios-brasileiros-tenham-acesso-internet> Acesso: 10 Out. 2022

AKOTIRENE, Carla. **Interseccionalidade**. São Paulo: Sueli Carneiro; Pólen, 2019. BERTH, Joice. **Empoderamento**. São Paulo: Sueli Carneiro; Pólen, 2019.

ASANTE, M. K. **Afrocentralidade: notas sobre uma posição disciplinar**. In: NASCIMENTO, Elisa Larkin. (Org.). **Afrocentricidade – Uma abordagem epistemológica inovadora**. São Paulo: Selo Negro, 2009, p. 93-110.

BERTH, Joice. **Empoderamento**. São Paulo: Sueli Carneiro; Pólen, 2019.

BUTLER, Judith. **A vida psíquica do poder: teorias da sujeição**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2018.

CETIC. **TIC Domicílios: Pesquisa Sobre o Uso das Tecnologias de Informação e Comunicação nos Domicílios Brasileiros**. Disponível em: https://cetic.br/media/docs/publicacoes/2/20211124201233/tic_domicilios_2020_livro_eletronico.pdf Acesso: 10 Out 2022.

COLETIVO SARGENTO PERIFA. Disponível em: <https://www.coletivosargentoperifa.com/in%C3%ADcio> Acesso: 10 Ago. 2023

DAVIS, Angela. **Mulheres, Cultura e Política**. São Paulo: Boitempo, 2016.

DAVIS, Angela. **Mulheres, Raça e Classe**. São Paulo: Boitempo, 2016.

FANON, Frantz. **Pele negra, máscaras brancas**. Salvador : EDUFBA, 2008.

FONSECA, Felipe Schmidt, FLEISCHMAN, Luciana. **Laboratórios Experimentais: espaços em branco na educação formal**. Em Aberto, Brasília, v. 28, n. 94, p. 209-214, jul./dez. 2015

FONSECA, Felipe Schmidt. **Dos laboratórios experimentais à inovação cidadã**. Liinc em Revista, Rio de Janeiro, v.13, n.1, p. 272-279, maio de 2017.

KILOMBA, Grada. **Memórias da plantação: Episódios de racismo cotidiano**. São Paulo: Ed. Cobogó, 2019

HALL, Stuart. **A Identidade Cultural na Pós-Modernidade**. São Paulo: Lamparina, 2014.

HOOKS, bell. **Ensinando a Transgredir: a educação como prática da liberdade**. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2013.

HOOKS, bell. **Irmã Outsider: Ensaio e conferências**. São Paulo: Ed. Autêntica, 2019.

LAROSSA, Jorge. **Tremores – Escritos sobre experiência**. Belo Horizonte: Autêntica, 2014.

LUGONES, María. **Colonialidade e gênero**. Tabula Rasa [online]. 2008, n.9, pp.73-102. ISSN 1794-2489.

MAPA DA MÍDIA PE. Coletivo Sargento Perifa. Disponível em: <https://mapadamidiape.marcozero.org/coletivo/sargento-perifa/> Acesso: 10 Ago. 2023

MARCO ZERO CONTEÚDO. Sobre a Marco Zero. Disponível em: <https://marcozero.org/sobre/> Acesso: 10 Ago. 2023

NASCIMENTO, Abdias. **O Quilombismo**. São Paulo: Editora Perspectiva, 2019.

NASCIMENTO, Beatriz. **Uma história feita por mãos negras**. Rio de Janeiro: Zahar, 2021.

NASCIMENTO, Elisa Larkin. **A matriz africana no mundo**. Rio de Janeiro: Selo Negro, 2016.

PREFEITURA DO RECIFE. Serviços para o cidadão. Linha do Tiro. Disponível em: <https://www2.recife.pe.gov.br/servico/linha-do-tiro?op=NTI4Mg==> Acesso: 10 Ago. 2023.

OLIVEIRA, Martihene. Coletivo Sargento Perifa. [Entrevista concedida a] Carla Teixeira, Conceição Tomaz e Leticia Lima. Presencial, Recife, 2022.

OYĚWÚMÍ, Oyèrónké . **A invenção das mulheres: construindo um sentido africano para os discursos ocidentais de gênero** – 1. ed. – Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2021

QUIJANO, A. **Colonialidade do poder, eurocentrismo e América Latina**. In: LANDER, E. (Org.). *A colonialidade do saber: eurocentrismo e ciências sociais, perspectivas latino-americanas*. Buenos Aires: CLACSO, 2005, p. 107-130. (Coleção Sur Sur).

SANTOS, Céres Marisa Silva dos. **La apropiación de las TIC por mujeres brasileñas**. In FARRERA, Abraham Mena; PABLOS, Esperanza Tuñón (cord.). *Género y TIC*. San Cristóbal de Las Casas, Chiapas, México, Ed. Ecosur, 2018

SANTOS, Joel Rufino dos. **A questão do negro na sala de aula**. São Paulo: Global 2017.

SEGATO, Rita. **Contra-pedagogías de la crueldade**. Ciudad Autónoma de Buenos Aires: Prometeo Libros, 2018 SIMONDON, Gilbert. *L'individu et as genèse physico-biologique*, Paris: PUF, 1964 .

SODRÉ Muniz. **Pensar Nagô**. São Paulo: Vozes, 2018.

RIBEIRO, Djamilia. **Lugar de Fala**. São Paulo: Sueli Carneiro; Pólen, 2019

RAVAGNOLI, Neiva. **A entrevista narrativa como instrumento na investigação de fenômenos sociais na Linguística Aplicada**. *The Specialist*. V. 39, N. 3, 2018.

RUFINO, J. L. **Pedagogia das Encruzilhadas**. Rio de Janeiro: MV Serviços e Editora, 2019.